

Rabelo teme recessão

Economia

Brasil

Sonia D'Almeida

O economista Paulo Rabelo de Castro está convencido de que o acordo firmado entre o Brasil e o Fundo Monetário Internacional (FMI) resultará em um agravamento da recessão já a partir de fevereiro. Isto porque, segundo ele, as metas monetárias previstas na carta de intenções são muito rígidas e o governo terá que elevar substancialmente as taxas de juros para reduzir a quantidade de dinheiro em circulação na economia. A grande contradição nessa política de juros altos é que o Banco Central terá que fazer uma contração monetária cada vez mais forte para enxugar o excesso de dinheiro que está entrando na economia basicamente através das operações externas, já que os investidores estrangeiros querem se aproveitar das altas taxas de juros pagas pelo mercado financeiro e da valorização das ações nas bolsas de valores.

Para Paulo Rabelo de Castro, o grande erro da política de ajuste que está sendo desenvolvida pelo governo brasileiro com o aval do FMI é não estabelecer nenhuma política social e não ter qualquer projeto de longo prazo. "Este modelo que está se adotando é o mais concentrador de toda a história econômica do país. Mais do que nunca toda a sociedade pagará pelo ajuste do qual poucos se beneficiarão, ou seja, os investidores em mercado de ações e do mercado financeiro", afirma. O modelo adotado pela equipe econômica, na visão do economista, tende a jogar a economia em uma inércia cada vez maior, principalmente porque está calcado em juros altos e câmbio desvalorizado. Dessa forma, a tendência será uma corrida cada vez maior das empresas para o mercado financeiro para aproveitarem-se das taxas de juros favoráveis, desestimulando-se o investimento produtivo, enquanto os exportadores perderão competitividade no mercado internacional, em razão da desvalorização do dólar resultante da entrada maciça da moeda norte-americana no mercado brasileiro.

Paulo Rabelo não tem dúvidas de que este modelo levará a uma queda



Paulo Rabelo: custo social

da inflação até o final do ano, mas a um custo social muito grande e sem grandes perspectivas de se transformar em um quadro duradouro. "Esta queda da inflação tende a ser temporária, já que não existe qualquer projeto de longo prazo para levá-lo adiante o desenvolvimento do país", prevê. O economista, que ontem falou para banqueiros e empresários reunidos na Câmara Inglesa de Comércio, acredita que a se manter essa política a tendência será uma dollarização da economia, como já defendem alguns economistas, o que para ele servirá apenas para aumentar a concentração de renda e depreciar a moeda nacional.

A única saída para se reverter este quadro é, na opinião do economista, uma profunda reforma fiscal, que faça um acerto de todas as contas nacionais. É exatamente neste ponto que consiste o seu plano, que foi denominado Plano K, considerado pelo presidente Collor como K de "quilo de bobagem". Sem se importar com esta afirmação do presidente, que considera ter sido feita em razão do desconhecimento da proposta, Paulo Rabelo de Castro defende seu projeto, que considera "muito inteligente".

JORNAL DO BRASIL

21 JAN 1992